



## Cinema em Santarém

### **Wilson Fonseca**

Maestro, Compositor, Cinéfilo.  
Membro da Academia Paraense de  
Letras e Academia Paraense de  
Música.

**C**reio que a minha condição de cinemaníaco (mais acentuada na juventude de longe vai), prende-se ao fato de eu ter nascido precisamente no ano em que o cinematógrafo fez seu debute em minha querida cidade natal. Corria o ano de 1912, quando o nosso Teatro "Vitória" - de saudosa memória - passou a funcionar como cinema, sem, entretanto, desvirtuar a sua finalidade específica. Trouxe a novidade, após pouco mais de três lustros de seu aparecimento (1895), Samuel Remillard, exibindo filmes do "Gran-Poly-Cinema". A partir daí, o velho Teatro também deu agasalho ao "Cinema Modelo", de Acácio Paiva, à Empresa Cinematográfica Brasileira de Manuel Dias que, em outra oportunidade, voltou associado a seu filho Teodoro Dias, à Empresa Bar Paraense, seguindo-lhes, até 1924, exibidores itinerantes que demandavam o Amazonas. Eram temporadas de pouca duração, cessando quando já saturavam a pequena platéia os poucos filmes disponíveis à exibição, como "Rosá do Adro", "A dama de cinzento", "Credo" (ou "Tragédia de Lourdes"), "As loucas de Paris" o clássico "Vida,

Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo" de Zecca, além de outros de pequena metragem.

Só no ano de 1924 construiu-se a primeira casa destinada especificamente a cinema, exatamente no local hoje ocupado pelo "Cine Olympia", na Praça Monsenhor José Gregório, que recebeu a denominação de "Cine Ideal". A iniciativa partiu do sr. José de Albuquerque Franklin, sócio da empresa concessionária do serviço de energia elétrica da cidade. Dada a deficiência da aparelhagem de projeção e o desconforto da casa que era desprovida até mesmo de cobertura, o que não lhe dava condições de funcionar no período das chuvas e nem em dia claro ou noite de luar, esse cinema não chegou a "vingar", sendo descontinuado e precário o seu caminhar, razão pela qual teve de cessar as suas atividades nesse mesmo ano de 1924.

Tenho em mãos um manuscrito de seu saudoso amigo Luciano Lopes dos Santos, em que ele descreve o terreno onde foi construído o Cine "Ideal", com estes detalhes: "No lugar que hoje está situado o Cinema "Olimpia", foi fundado por seis chalés, onde



Cine "Olympia" 1930



moravam meretrizes. Cada *chalé* tinha o nome de uma a flor, que seriam: Girassol, Camélia, Violeta, Bugary, Resedá e Miosótis. O *chalé* da esquina (Girassol) foi de propriedade do sr. Anézio Pinto Cota. Na frente tinha um Botequim e atrás bancas para jogos de baralho, dominó, firo e gamão. Nos outros *chalés* moravam as “meninas” (...) Por incrível que pareça, havia grande respeito por parte “delas”, pois só abriam suas portas para o “público”, depois do sino da Matriz bater nove horas da noite (...) O terreno foi comprado pelo sr. José Franklin de Albuquerque, que depois de demolir todos os *chalés*, construiu um “cinema”, conclui Luciano.

Decorridos poucos meses, foi procedida a cobertura do prédio do “Ideal” com telhas de barro cozido, quando em 1926 nova tentativa de fixar-se o cinema em nossa cidade foi levada a efeito, desta vez o sr. Franklin associado à sra. Corina Ribeiro de Queiroz, que escondia o nome de seu esposo sr. Gregoriano Diniz Queiroz, por ser ele Fiscal das Rendas Federais. Era fornecedora de filmes, pela primeira vez presente em Santarém, a firma Teixeira, Martins & Cia., do Cine “Olimpia” de Belém. Poucos filmes, entretanto, chegaram a ser exibidos, e talvez não tenham ido além dos seguintes: “Erros de mãe”, “Rosto Impenetrável” e “Crise”, com sessões que nem chegavam a ser semanais.

E com “Crise”, os “Mocorongos” ficaram novamente em crise de cinema, pois não foi ainda dessa vez que a maravilha dos irmãos Lumière conseguiu firmar-se na “Pérola do Tapajós”.

Em 1927 volta o “Vitória” a ser utilizado como cinema, arrendado pela Lei Municipal nº 750 de 17/03/1927 a Corina Ribeiro de Queiroz, que, após desvincular-se da sociedade que mantinha com o sr. Franklin, passou a explorar o mercado em seu nome individual e sob a gerência velada de seu marido.

Vou tentar fazer algumas reminiscências sobre o período do cinema em Santarém, detendo-me mais na época do cinema silencioso, com destaque ao que diz respeito às suas orquestras e suas músicas, iniciando por esse ano de 1927, quando a cidade passou, então, a ter cinema ininterruptamente até os nossos dias.

O interessante, vale ressaltar, é que àquela época, por ser a da cena muda, cada cinema tinha o seu conjunto musical próprio, para acompanhar o desenrolar dos filmes. Previamente escolhidas, as músicas tinham que corresponder às exigências dos momentos dramáticos ou cômicos, românticos ou violentos, de jornais ou de filmes de “far-west”. O conjunto do Cinema “Vitória” era uma pequena orquestra de câmara, dirigida pelo Professor José



Cinema “Vitória” - 1929

Agostinho da Fonseca e que tinha como componentes, dentre outros, os musicistas Raimundo Fona, Dudu Almeida, Luciano Santos, Almiro Lemos, Perílio Cardoso da Silva, Laurimar Corrêa, Miguel Campos e Wilson Fonseca.

O filme inaugural, de procedência norteamericana, intitulava-se “A sombra do Evangelho”, que tinha como principal intérprete o famoso galã Richard Barthelmss, da programação do Cine “Olimpia” de Belém, da empresa Teixeira, Martins & Cia.

Rememoremos algumas músicas que faziam parte do repertório da orquestra do “Vitória”: “Sonho de Ícaro”, “Talismã”, “Celiza”, “Sonhador”, “Ideal”, “Cow-boy”, “Coruja”, “Nelsita” e “Lou”.

Como a cidade estivesse em crise de energia elétrica, o Cinema “Vitória” recebia luz e força do Estaleiro de Construção Naval “Juca Figueira”, situado na rua “24 de Outubro”, a cerca de 300 metros distante do Teatro. Para isto, fez-se necessário estender-se uma rede externa de cabos elétricos nesse percurso, o que recebeu o embargo por parte da Empresa concessionária do serviço de iluminação da cidade, por ser sua a exclusividade de rede externa. O impasse levou os proprietários do Cinema “Vitória” à



aquisição de um grupo gerador, à gasolina, instalando-o no porão do velho Teatro. Por um defeito técnico nesse conjunto, o “Vitória” foi forçado a interromper por alguns meses as duas atividades. A essa altura, a firma Jorge Corrêa & Cia., pelo idealismo dos seus componentes srs. Lindolfo Jorge Corrêa e José Franklin de Albuquerque (este avô de Raul Franklin Loureiro, seu continuador que vem mantendo a tradição da família), reinaugurava o “Cine Guanabara”, no 2º semestre de 1927, com o filme “Vida Esportiva”, de programação fornecida por distribuidora sediada em Recife (Pé). Digo reinaugurava, porque era a volta, com nova denominação, do “Cine Ideal”, paralisada há um ano atrás, que ressurgia melhor aparelhada, tanto no prédio, no mobiliário, como na maquinaria. A orquestra do “Cine Guanabara”, nessa oportunidade, apresentou-se com um quarteto, integrado pela arte. Mary Souza ao piano, Laurimar Corrêa ao Violino, Antônio Rodrigues Nunes da flauta e Raimundo Fona, que era o seu diretor, no contra-baixo de cordas. Não quero deixar de lembrar o hábil operador do “Guanabara”, o profissional Feliciano de Tal, que tinha como ajudante o jovem santareno Vicente Rocha.

Eis alguns números musicais do bem cuidado repertório do quarteto “Guanabara”: “Worried”, “La Frotada”, “Eliza”, “Um dia na Arábia”, “Canção da Cigana” e “Gladiador”.

Um pouco mais adiante (em princípios de 1928), o quarteto “Guanabara” sofreu uma reformulação, com a saída da srta. Mary Souza que se transferiu com seus familiares para Belém e desligamento voluntário de Laurimar Corrêa e Antônio Nunes. Passou a ser assim constituído: Piano - Anita Fonseca, Violino - Raimundo Fona, Flauta - Miguel Campos e Contra-baixo o jovem Ubirajara Fona.

Mais alguns números do repertório já do novo quarteto: “Luar de Guarujá”, “Scena Triste” e um fox americano que não me recordo do título e nem do autor.

Ia o “Cine-Guanabara” na sua trajetória de bem servir o público santareno, quando, na primeira quinzena de julho do ano de 1928, volta o Cinema “Vitória”, agora com a inclusão de Astésio Pereira Macambira e Augusto Pessôas Montenegro na firma proprietária, a reiniciar as suas atividades, desta vez com a instalação, ali mesmo nos fundos do Teatro, de uma caldeira tipo locomóvel, a vapor, que acionava uma máquina, para, por sua vez, pôr em funcionamento o gerador do antigo conjunto, com a capacidade suficiente para o consumo do projetor

cinematográfico, da iluminação do edifício e dos ventiladores. A incubência de instalação e movimentação dessa maquinaria coube ao profissional mecânico José Esteves Dias, ficando a parte elétrica a cargo do eletricista Oscar Ferreira Coêlho. Era operador do projetor o hábil profissional trazido de Belém, sr. José Ferreira Lopes, que tinha como ajudante o jovem João Cardoso da Silva.

Nessa nova fase do “Vitória”, o filme de reinauguração foi a produção do circuito “United Artists” intitulada “Milagre dos Lobos”. A primitiva orquestra de câmara foi substituída por um quarteto assim constituído: Wilson Fonseca, piano; Laurimar Corrêa, violino; Antônio Rodrigues Nunes, flauta e José Agostinho da Fonseca, contra-baixo de cordas. Este, que era o seu diretor, querendo ampliar mais as possibilidades para acompanhar o desenrolar dos filmes, não se limitou à inclusão de foxs e valsas em seu repertório, variando com canções, tangos, marchas para fundo musical dos jornais, músicas vibrantes para os filmes de “Cow-boy”, peças alegres para as comédias, “rig-times” e até mesmo músicas eruditas e de operetas para as cenas mais nobres. Predominavam composições de autores nacionais, como Ernesto Nazareth Erotides de Campos, Zequinha de Abreu, Pachequinho, Joubert de Carvalho e do próprio José Agostinho da Fonseca.

E o Quarteto “Vitória” - cognominado “Quarteto de Ouro”, deleitava os habitués do “Vitória”, antes e durante a projeção, com músicas como estas: “Flor de Inverno”, “Cicatrices”, “Único Amor”, “Do Rio ao Oriente” e “Ilusões Caladas”.

Enquanto o Cine “Guanabara” (lotação: 600 poltronas) exibia filmes de circuito dos cinemas da firma Teixeira, Martins & Cia. (fornecedora do “Vitória na primeira fase), saídos dos estúdios da “Paramount”, “Metro Goldwyn Mayer”, “Warner Brothers”, “Fox-Filmes”, o Cinema “Vitória” (lotação: 500 poltronas) recebia programação da Empresa Amazônia, Ltda., produções de filmes da “Ufa”, “United Artists” e “Universal Films”, sendo esses concessionários sediados em Belém, onde tinham como cinema lançadores o “Olimpia” e “Éden”, respectivamente.

Nesse período que vai de 1927 a 1930, os dois cinemas da terra primavam pela apresentação de filmes de alta categoria, como sessões geralmente às terças e quintas feiras e sábados e domingos (aos domingos havia matinês para a petizada), sempre com boa frequência de espectadores que correspondiam aos esforços dos empresários. Dos filmes que vinham para o Brasil, em sua maioria de procedência norte-americana e alemã (o cinema



"O Filho do Sheik"- 1926

brasileiro ainda engatinhava e no período só nos deu "Aitaré da Praia", vindo mais tarde "Brasa Dormida", "Barro Humano" e "Sinfonia da Metrópole"), uma das cópias era estreada no Recife, saindo dali para Belém, depois Santarém e daqui para Manaus, par depois correr em outras cidades da zona Norte do País. Portanto, filmes em primeira linha. Inúmeras superproduções marcaram época em Santarém, ao tempo da cena muda.

Dada a concorrência e rivalidade existente em alto grau entre as duas Empresas da capital do Estado, com reflexos nas suas representantes em Santarém, a programação dos cinemas era caprichada e atual. Quem mais lucrava eram os frequentadores do cinema, pois o preço dos ingressos eram bastante acessíveis à bolsa de todos, pois permaneceram por longo tempo nos valores de RS \$ 1.000,00 (um mil réis) e RS \$ 500,00 (quinhentos réis) para 1º e 2º classes, respectivamente, com direito ao deleite com músicas como "Amapola", "Frou-Frou" e "Piedad".

À falta de outros meios de divulgação, a programação dos cinemas era dada a conhecer através de tabuletas espalhadas nos pontos mais concorridos da cidade e de boletins distribuídos de porta em porta. A imprensa era pouco utilizada, por contar a terra com apenas um jornalzinho hebdomadário.

O transporte dos filmes era feito em navios "The Amazon River Steam Navigation Company (1911), Ltd", que efetuava linhas regulares de navegação fluvial, semanalmente, com pontualidade de horários dentro do rigor inglês.

Ressalvadas as omissões, já que a lista é feita de memória e sem muito esforço, eis alguns dos bons filmes exibidos em Santarém no quadriênio de 1927 a 1930:

No Cinema Vitória - "O Pirata Negro" (primeiro filme colorido feito em cinema), "A Marca do Zorro", "Don Q., Filho do Zorro" e "O Gaúcho", com Douglas Fairbanks (Pai); "O Médico e o Monstro", "Don Juan", "Tempestade", com John Barrymore; "Amores de Carmen", "Ressureição", "Ramona" e "Revanche", com Dolores Del Rio; "A Dama das Camélias" com Norma Talmadge; "Aurora" (de W.F.Murnau e meu filme de cabeceira) e "4 Diabos" com Janet Gaynor; "Fausto" e "Tartufo" com Emil Jennings; "Em busca do ouro" e o "Circo" com Charles Chaplin; "O Sheik", "O Filho do Sheik", e "O Águia" com Rodolph Valentino; "Jardim do Eden" com Bilie Dove; "O Gabinete do Dr. Caligari" com Corad Veidt e Wernwr Krauss; "Sacrifício de Mulher" com Marcelo Albani; e outros não menos grandiosos, como "Ivan, o Terrível", "Fédora", "Manon Lescaut", "Sappho", "Messalina",



“Boneca de Paris”, “Honrarás tua mãe”, Sétimo Céu”, “O Gato e o Nacário”; “Sonhos de Valsa” e aquela famosa série de Mary Pickford, a namorada da América.



No Cine Guanabara - “A Fragata Invicta” com Wallace Berry; “Varieté” (de Dupont) com Emil Jennings; “Corcunda de Notre Dame” e “O Fantasma da Ópera” com Lon Chaney (Pai); “A Duquesa e o Garçon” e “Conde de Monte Carlo” com Adolph Menjou; “Miguel Strogoff” e “Keen” com Ivan Mosjoukine; “Sangue e Areia” e “Os 4 Cavaleiros de Apocalipse” com Rodolph Valentino; “Ben-Hur” com Ramon Novarro; “O Rei dos Reis” com Henry B. Warner; “Sangue por Glória” com Dolores Del Rio, Victor Mac Laglen e Edmundo Lowe; “O Beijo” com Greta Garbo; “Os 3 Mosqueteiros” com Douglas Fairbanks (Pai); “A Cabana de Pai Tomás”, “The Big Parade”, “Rio da Vida”, “A Divina Dama” e muitos outros, com destaque, ainda, para “Metrópolis” de Fritz Lang.

Seria enfadonho prosseguir na citação de outros filmes exibidos nos dois cinemas da terra, interpretados por Pola Negri, Lia Putti, Lili Damita, Gloria Swanson, Bebe Daniels, Joan Crawford, Wallace Reid, John Gilbert, Vilma Bank, Ronald Colman, etc. Tínhamos, também, aquela série muito do agrado da petizada (dos adultos também) dos

“Cow-boys” famosos, valentes, como Tom Mix e Buck Jones com os seus amestrados cavalos “Tony” e “Águia Branca”, respectivamente, e mais Harry Carey, Ken Maynard, Bufalo Bill, Jr., Art Acord, William S. Hart, William Boyd. E o fabuloso cão Rin-Tin-Tin? Era o tempo em que o cinema vinha para a tela em forma de arte, que me perdoem os modernistas.

E o Quarteto “Vitória”, na sala de espera ou acompanhando o desenrolar dos filmes, continuava a deleitar os seus ouvintes com peças de seu repertório, como: “Tentações”, “Meu Coração”, “Adios, Muchacho”, “Meu Céu Azul”, “Canta per me”, “Ramona” e “Infeliz”.

Há passagens pitorescas que sempre recordei, como estas:

Como quase tudo em cidade pequena gira em torno da rivalidade entre duas concorrentes, ela também existia entre os frequentadores dos dois cinemas santarenos. Havia os vitorianos e os guanabarinós, os partidários chegavam ao extremo de “torcer” para que um dia o rival deixasse de funcionar por falta de frequentadores! E não é que esse dia chegou mesmo? O “Guanabara” programara para determinada noite um filme sem expressão intitulado “O Manda Chuva” e o “Vitória” lançou em estréia, depois de largamente anunciado, “Cadeira Elétrica”, que também não era grande coisa. À hora do início das sessões cinematográficas da-quela noite, enquanto as dependências do “Vitória” se achavam superlotadas com espectadores trepados até pelas janelas laterais da varanda do velho Teatro, certamente atraídos pelo título do filme, o seu concorrente não tinha ainda vendido um só ingresso, razão pela qual teve que cerrar as portas, sem funcionar. Quanto a platéia do “Vitória” soube do acontecido, quase irrompe em gritos de euforia! Meu pai, no intervalo da 1ª para a 2ª parte do filme em exibição, chamou-me a atenção para que eu olhasse para trás. Era para notar Miguel Campos e minha irmã Anita, componentes do quarteto do “Guanabara”, encadeirados numa das frisas do “Vitória” assistindo ao filme “Cadeira Elétrica”. E eu (por que não confessar?) na imaturidade dos meus 15 anos de idade, também vibrei com a esperada vitória do “Vitória”! É que os frequentadores dos dois cinemas se colocavam na mesma posição de aficionados de clubes de futebol rivais ou adeptos de partidos políticos. E o quarteto “Vitória” executava o jocoso tango argentino “Pobre Mascarita”.

Sobre a rivalidade, lembro-me da mulher chamada Conceição que não perdeu uma só sessão cinematográfica do “Guanabara” e seria o maior insulto oferecer-lhe um ingresso do “Vitória”! E a



dona Valentina? Sim, a velha Valentina! Ela tinha um lugar "cativo" nas gerais do velho Teatro e ninguém ousaria ocupá-lo, sob pena de ter que se levantar a peso de tabefes que "a dona do lugar" distribuía, notadamente quando já vinha para o cinema um pouco alcoolizada! e note-se que recebia o apoio dos proprietários do cinema, pela sua condição de "torcedora" e habitué da casa. Coisas de cidadezinha de 5.000 habitantes, como era a Santarém de 1928.

E o Quarteto "Vitória" a todos enternecia com melodias como as de "Nena" e "Rachelina".

Recordo mais o caso de uma senhora, nossa vizinha, que foi assistir ao filme "Águia" estrelado por Rodolph Valentino. Nem bem o filme havia começado a desenrolar-se, sentiu-se mal, ao lembrar-se que o grande astro tinha falecido há 3 anos atrás e estava agora alí na tela a viver aquelas cenas românticas e muito do agrado de sua incalculável legião de admiradoras. Minha mãe, que estava sentada na poltrona ao seu lado, vendo a situação, chamou meu irmão Wilmar para acompanhar a paciente até sua residência, que ficava a uns 300 metros distantes do cinema, o que o mano não deixou de fazer muito contrariado, pois perdera boa parte do filme que há muito esperava assistir, e na sua caminhada, Wilmar ouvindo o Quarteto "Vitória" desferir as notas de sua conhecida e querida melodia "Salmanquita".

Com a falência, em 1929, da firma proprietária do "Guanabara", foi este adquirido por Marques Pinto & Irmãos, logo transferindo-o a Walkiria Loureiro, que mudou a sua denominação para "Cine Olímpia", a partir de 1º de janeiro de 1930.

Além da minha condição de pianista nos conjuntos musicais que "sincronizavam" os filmes ao tempo da cena muda, já nos meus 15 anos de idade eu era cinemaniaco. Cheguei a organizar e trazer sempre atualizado um eficiente e detalhado registro de todos os filmes exibidos nos dois cinemas locais, no decênio 1927/1936, que lamentavelmente perdi. Nesse registro figuravam a data e o número de exhibições, o título original e o tomado no Brasil, a fábrica produtora, a relação dos principais intérpretes, o nome do Diretor e o número de partes em que o filme se dividia. É bom lembrar que ao tempo as casas exibidoras eram providas de um único projetor, razão por que as projeções não eram contínuas.

Fui mais além: fiz correr entre os amigos e aficionados da arte, um "jornalzinho" especializado, de circulação mensal, caprichosamente manuscrito e ilustrado com fotografias que pedia diretamente aos

artistas ou recortava de revistas. A tiragem do órgão? Um único exemplar! "A Cidade", semanário que circulava em Santarém, em sua edição de 4 de janeiro de 1930, nº 653, chegou a transcrever desse meu "periódico" uma das matérias nele inserida, sob o título "Interessante Estatística". Ei-la: "Um paciente leitor nosso teve a pachorra de organizar a estatística abaixo, dos filmes cinematográficos exibidos em nossos cinemas: No decorrer do ano recém-findo foram exibidos nos cinemas locais 175 filmes cinematográficos, divididos em 1330 partes. A "Ufa" contribuiu com 36 filmes (de janeiro a junho e de setembro a dezembro); a "Fox-Films" com 30 (de maio a dezembro); a "Paramount" com 25 (de setembro a dezembro); a "Universal" com 20 (de agosto a dezembro); o "Programa Matarazzo" com 12 (de setembro a dezembro) e 18 filmes de outras marcas independentes. Como complemento de programa, exibiram-se 45 "Jornais" cinematográficos, sendo 29 da "Fox", 6 da "Paramount", 5 da "Ufa" e 5 de outras marcas, com várias comédias em 2 partes.

Dentre as fábricas acima citadas, a que mais brilhou com a apresentação de bons filmes, foi a "United Artists".

Eis a prova: "Robin-Hood", "O Circo", "Lágrimas de Homem", "O Gaúcho", "Tempestade", "Sedução do Pecado", "Ramona", "A Dança da Vida", "A Dama das Camélias", "Dois Amantes", "Ressurreição", "O Filho do Sheik", "Pecadora sem Mácula", "A Luta dos Sexos", "Culpas de Amor", etc. - Santarém, 02/01/1930 - W.F."

Música muito apreciada pelos frequentadores do "Vitória" era a popularíssima toada "Gaúcho".

No ano seguinte, sob o mesmo título, o jornal da terra "Gazeta do Norte", em sua edição nº 3, de 21/02/1931, transcreve de meu período este novo levantamento

"Em 1930 foram exibidos nos cinemas "Olímpia" e "Vitória", 192 filmes das seguintes procedências: norte-americana 170; alemã 9; brasileira 2 e de procedência diversas 11; divididos em um total de 1449 partes.

Além desses filmes, como complemento de programa, tivemos mais 18 comédias de dois rolos e 64 jornais cinematográficos.

Na nossa opinião, os melhores filmes foram os seguintes: Yankees: "Os 4 Diabos", "Estrela Ditosas", "O Máscara de Ferro", "A Ré Amorosa", "Mulher Divina", "O Despertar de uma Mulher", "Coração de Slava", "Dança Rubra", "Alma que volta", "Rio da Vida" e muitos outros. Alemães: "Varieté", "Sangrenta Noite Nupcial" e "A Grande Aventureira". Nacionais: "Barro Humano" e "São



Paulo a Symphonia da Metrópole”. Outras nacionalidades: “A Castelã do Líbano” e “Martyrio de Joanna D’arc”.

O movimento do ano recém-findo foi superior ao de 1929, no qual tivemos 175, havendo uma diferenças de 17 fitas para mais. - Santarém, 28/01/1931 - W.F.”

Continuando a série nostálgica das melodias que enterneciam os freqüentadores do “Vitória”, rememoremos o bellissimo fox americano “Quando o Sultão Sonha”.

A grande coqueluche da época sempre dava “pano para as mangas”, como esta passagem da qual saí vitorioso: Em 1929, foi-me atribuído o encargo de redigir as legendas para as tabuletas e cartazes do “Cinema Vitória”, que eram espalhados pelos quatro cantos da cidade. De uma feita, uma dessas tabuletas anunciava o filme da “United Artists” interpretado por Norma Talmadge intitulado “Mulher Cobiçada”. Pelo jornal da semana, uma colunista assídua verberou a falta de cuidado no trato do bem escrever por parte do tabuleiro, pois entendia que o vocábulo cobiçado só poderia ser grafado com a vogal “u”. Foi um “deus nos acuda”. - mesmo que “assanhar casa de



Cine Olímpia - 1947



Cine Olímpia - 1976



caba". Os gramáticos e letrados da terra tomaram as colunas do prestigioso jornalzinho de Felisbello Sussuarana e Paulo Rodrigues dos Santos e o assunto virou polêmica. Cada qual dando valsa a sua sapiência, inclusive os que de há muito não davam o "ar de sua graça" no manejo da pena pela imprensa.

Claro que todos vieram em defesa do "Tabuleteiro", porque os dicionários registravam a duplicidade de grafia, com preferência por aquela usada no cartaz do cinema.

Resultado: O filme foi promovido "de gogó" e alcançou sucesso de bilheteria dos maiores registrados na praça. (vide, neste capítulo, "Cinema e Filologia").

Um lindo tango que servia de fundo musical ao filmes da época: "Sombras".

O Quarteto "Vitória" teve a sua constituição inicialmente citada, alterada posteriormente com Miguel Campos e depois Pedro Nolasco dos Santos na flauta e Firmo Sirotheau no violino. Quando ao "Guanabara", outras alterações se verificaram: Delfian Amorim e depois Júlio Vieira no piano e Ubirajara Fona no violino.

De 1932 a 1936, com a paralisação do "Vitória", o seu afamado Quarteto passou a atuar no "Cine Olímpia", a convite de seu novo proprietário sr. Manuel Cardoso Loureiro, com a constituição seguinte: Wilson Fonseca, piano; Antônio Anselmo de Oliveira e depois Adalberto Gonçalves Gentil, violino; Pedro Nolasco dos Santos, flauta e José Agostinho da Fonseca, contra-baixo de cordas.

E lá no "Vitória" o "Quarteto de Ouro" enternecia os seus frequentadores com trechos de operetas como "Viúva Alegre", "Conde de Luxemburgo", "Princesa dos Dólares" e outros, como "Sonho de Valsa". Tango muito tocado foi "Noche de Reis".

E quem, dos meus contemporâneos, não rememora com saudades, ao ouvir tão bonitas e evocativas melodias, aqueles fabulosos seriados como "O Roubo dos Milhões" com o vigoroso William Fairbanks e a bela Eva Novack? Do comovente "Lágrimas de Homem", magistralmente interpretado por H.B. Warner e Nils Aster? De "Credo" (ou "Tragédia de Lourdes")? De "As Loucas de Paris", onde Galaor, a figura central do filme, pontificava com o seu porte atlético e sempre chegava na hora precisa para salvar a mocinha Edmée? E as figuras exponenciais da cena muda continuam a desfilar em nossa memória, cujos nomes eram pronunciados com a doçura do falar santareno, num inglês "macarrônico": Richard Barthelmess, Douglas Fairbanks (Pai), Mary Pickford, Dolores Del Rio, Rodolph Valentino, Pola Negri, Ramon Novarro,

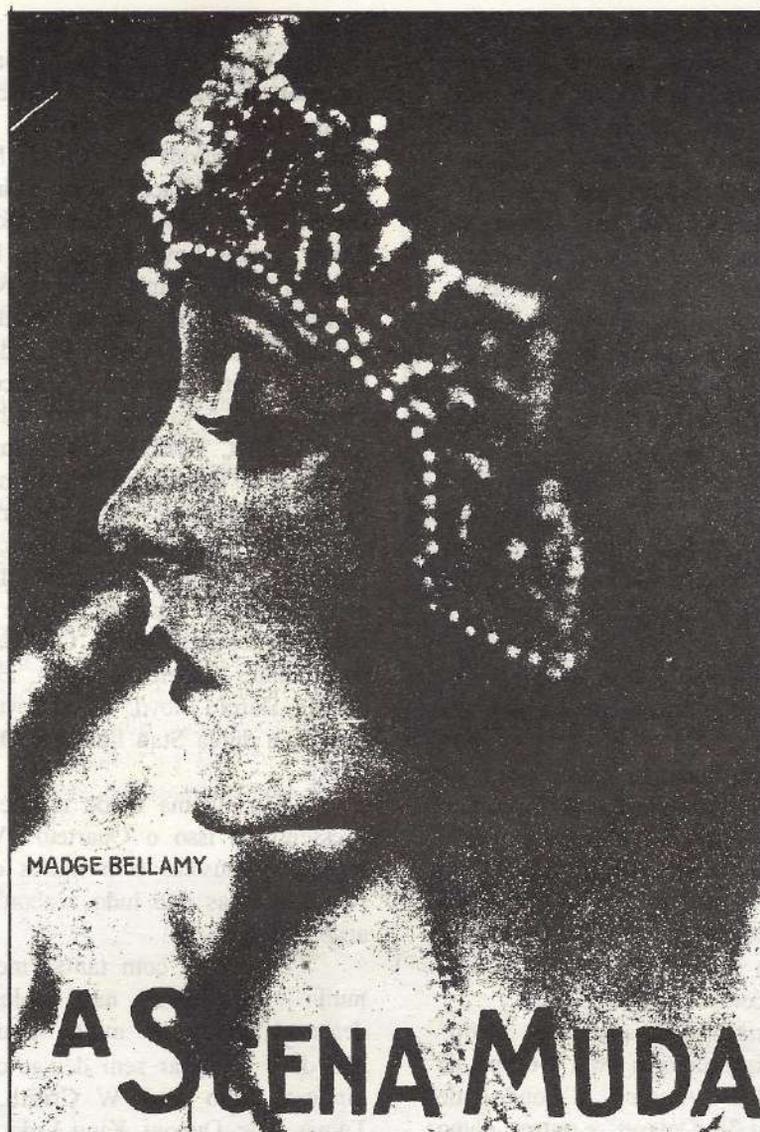
Barbara La Mar, Wallace Reid, As irmãs Lilian e Dorothy Gish, Theda Bara, William Farnum, Gloria Swanson, William Power, Marlene Dietrich, Greta Garbo, John e Lionel Barrymore, Greta Nissen, Ala Nazimova, Charles Farrel, Mac Murray, Sue Carol, Mae West, Wallace Beery, Edmund Lowe, Bilie Dove, Clara Bow, Victor Mac Laglen, Warner Baxter, Bessie Love, Zassu Pits, Mirna Loy, Ronald Colman, Vilma bank, a dupla Norma e Constance Talmadge, Maria Korda, Paul Richter, Madge Bellamy, Jack Mulhal, Ricardo Cortez, Norma Shearer, Joan Crawford, Florence Vidor, Laura La Plante, Don Alvarado, Pearl White, Barry Norton, John Gilbert, Renée Adorée, Janet Gaynor, Willy Fritz, Lia de Putti, Marcelo Albani, Dolores Costello, Eleanor Boardman, James Murray, Esther Ralston George O'Brien, Betty Compson, Mary Astor, Alex Francis, George Bancroft, Lewis Stone, os extraordinários garotos Jackie Coogan e os componentes da padilha "Our Gang", os excelentes comediantes Charles Chaplin, Buster Keaton, Ben Turpin, Harold Lloyd, Chico Boya, Glen Tryon, Max Linder, a dupla Stan Laurel e Oliver Hard e tantos outros.

E o cinema mudo ia chegando ao seu fim. Pressentindo isso o Quarteto "Vitória" incluía no repertório músicas com títulos de "Tudo acabado, Não me digas que tudo acabou" e "Por que tudo acabou?"

Enlevados com tantas melodias bonitas que muito contribuíra na adolescência, para o desenvolvimento de minha sensibilidade artística, não devo terminar sem deixar de citar os grandes diretores como David W. Griffith, Cecil B. de Mille, Tomas Ince, Dupont, King Vidor, Alexander Korda, W.F. Murnau, Ernest Lubist, Eric von Stroheim, Joseph von Sternberg, John Ford e muitos outros.

Os cinemaniacos "mocarongos" andavam sempre em dia com novidades da arte, pois aqui circulavam apreciadas revistas demais especializadas como CINEARTE, SCENA MUDA e SELETA. E mantinham permanente correspondência com os seus astros e estrelas favoritas, sempre com a solicitação de fotografias para a inclusão nos grossos álbuns. Bons tempos! Saudosismo? Que importa ... Recordar é viver mais!

Ao encerrar a gravação que fiz em fita magnética, ressalvei: aos que tiveram paciência de chegar até aqui comigo, um pedido de desculpas pelos senões apresentados, pois foi tudo feito de um só fôlego, sem auxílio de apontamentos ou pesquisas. As músicas, creiam-me, ainda posso executá-las ao correr dos dedos no teclado do piano, de memória, onde retenho, desde os meus 15 anos de idade, todas



as que mencionei aqui e mais outras centenas da mesma época, já que o nosso repertório era vastíssimo e tanto meu pai como o professor Raimundo Fona, diretores dos conjuntos, eram artistas de bom gosto na seleção de peças e conseguiam arrancar pureza de interpretação por parte de seus comandados. Cada melodia me traz à lembrança, sempre, um lindo filme do passado.

Antes de concluir, desejo registrar mais dois fatos relacionados com os primórdios do cinema de Santarém. Em 1908, um daqueles itinerantes que escalavam o Amazonas rio acima ou rio abaixo, carregando em sua bagagem filmes, projetor e "écran", fez parada em nossa cidade para a mostra de um filme no Teatro Vitória. Contra o "Álbum do Centenário de Santarém - 1948", que o problema de energia elétrica foi resolvido pelo sr. Antônio Dias Vieira, que estendeu a rede de seu gerador de uso

privado para a sua "Fábrica Princesa" e sua residência particular, até o velho e saudoso Teatro.

O outro relato encontrei-o no jornalzinho "O Lírio" que circulava em Santarém, em sua edição de 26/04/1913, nº 3 do ano II, sob o título CINEMATOGRAFO: Chegou no "Rio Mar" o sr. Manoel Dias d'Albuquerque, sócio da "Empresa Cinematográfica Brasileira", que pretende dar alguns espetáculos no Theatro Vitória. Tivemos ocasião de ver o excelente stock de filmes dessa empresa, que se compõem d'uma quantidade enorme de dramas e comédias ainda não levadas nesta cidade. Na estréia, que deverá ser domingo, serão projetados os seguintes filmes: "Saudação a bandeira", mágica colorida; "O casamento de Affonso XIII", natural, os empolgantes dramas: "A filha do sineiro", "Os bandidos da Islandia", "A Orphã" e outras comédias e mágicas de grande efeito.